

## Sexualidade, gênero e corpo

*Giselle Falbo*

“O inconsciente nunca acerta tanto quanto ao errar”<sup>1</sup>.

Desde a fundação da psicanálise, a sexualidade se coloca como enigma. E a despeito do que já se elaborou sobre o assunto, longe de se colocar como detentor de um saber a ser desvelado, o psicanalista tenta ouvir o que do sexual faz furo no saber e nos incita a construir novas articulações, sempre parciais. Em meio ao leque de questões que concernem à sexualidade, embora o termo “gênero” não faça parte do léxico freudiano, os estudos sobre o tema colocam os psicanalistas a trabalho.

Neste artigo, estabeleceremos um contraponto entre gênero e sexualidade a partir das pontuações de Marie-Hélène Brousse<sup>2</sup>. Em seguida, nos remeteremos à crítica de Beatriz Preciado<sup>3</sup> à teoria performativa do gênero, tal como apresentada por Butler<sup>4</sup>, e que estabelece uma contraposição entre as autoras no que se refere às questões do gênero em sua articulação com o corpo.

O embate entre as autoras nos enviará às reflexões de Lacan sobre os problemas postos pela diferença sexual, tal como recortados em *Ou pior*<sup>5</sup>, e que o levam a fazer um comentário enigmático sobre a posição do transexual. Com relação à sexuação em sua relação com o corpo destacamos que, desde Freud, a questão se coloca em termos das consequências psíquicas das diferenças anatômicas. Através deste percurso, pretendemos situar o lugar do corpo na incidência da diferença sexual, desde a perspectiva de Lacan, indicando sua articulação com o gozo.

## **Gênero e sexualidade**

Para interrogar os termos gênero e sexualidade, tomaremos como referência alguns apontamentos feitos por Marie-Hélène Brousse, na conferência *Psicanálise, gênero e feminismo* proferida em São Paulo, em 2015.

O primeiro aspecto destacado pela psicanalista é que "gênero" não é um termo freudiano. De acordo com Millot<sup>6</sup>, este significante se introduz no âmbito das discussões colocadas pela clínica psicanalítica a partir dos estudos realizados por Robert Stoller sobre os transgêneros. Em contrapartida, o significante "sexualidade" é constitutivo da psicanálise e atravessa toda obra de Freud, remetendo não apenas à posição sexual, mas, sobretudo, ao gozo.

Detendo-se nas ressonâncias do termo, Marie-Hélène observa que já nos primeiros aprendizados do léxico pela criança, ela se confronta com a questão do gênero demarcado na linguagem: a cadeira, o quadro, o cão, a menina... Nota-se que, nesse sentido, o gênero implica na oposição entre o feminino e o masculino sem, entretanto, concernir ao sexual. Ela destaca ainda que, tanto na língua francesa quanto na portuguesa, quando preenchemos um documento qualquer para identificação, a pergunta que se formula em termos do sexo (*sexe*): "qual é o seu sexo?" e não "qual é o seu gênero?". Já na língua inglesa, o termo utilizado nos formulários é gênero (*genre*). Na língua inglesa, portanto, o gênero tomou o lugar do ser sexuado. A psicanalista observa que tal substituição talvez seja correlativa ao puritanismo anglo-saxão que, nesta permuta, elide o sexual.

De acordo com suas reflexões sobre o termo, gênero é um significante mestre advindo da América e que nos convoca a aprofundar algo em Lacan. No contexto desse trabalho, nosso objetivo é circunscrever sua relação com o corpo. Tomaremos, portanto, o gênero como um significante mestre que tangencia o campo da sexualidade em face ao qual se coloca ou se atualiza a discussão sobre a diferença sexual.

Ainda com relação a este significativo mestre, Marie-Hélène aponta que o gênero tem a ver com a identidade, uma suposta identidade do Um consigo mesmo. Tal identidade, contudo, engendra problemas, já que a unidade egóica almejada não abre lugar para a divisão subjetiva; e a psicanálise desde seu início - através do estudo dos atos falhos, chistes e sonhos - revela a inexistência da identidade do  $S_1$  consigo mesmo. Como nos esclarece Lacan<sup>7</sup>, no discurso do mestre, o  $S_1$  na posição de semblante é um mito de integridade que elide a verdade deste discurso: a divisão subjetiva de seu agente. Em outras palavras, a despeito de edificar e se identificar a uma imagem de si como corpo unificado, o eu estará recorrentemente sob a ameaça de uma estranheza que lhe é íntima. Como nos adverte Freud<sup>8</sup>, o eu, a despeito da ilusão de integridade, tem fronteiras móveis e bem mais fluidas do que se supõe. Tal como um cemitério de identificações, sua unidade é apenas uma projeção ideal.

A hipótese de Marie-Hélène é que a promoção da concepção de gênero, em lugar do ser sexuado, é correlativa a uma mudança no laço social, a uma passagem operada no discurso do mestre, de um campo organizado pelo Nome-do-Pai para outro, do Um sozinho - sem o dois. Se antes a nomeação era do Outro: "tu és mulher", "tu és homem", agora, com a concepção de gênero, cada um se autonomina, cada um declara qual o seu gênero apoiado pelas diferentes agremiações e entidades que lutam pela mesma causa. Segundo Marie-Hélène, essa autonominação tem a ver com o imaginário no sentido forte do termo e consiste em uma tentativa de elevar o ego à dignidade do nome. O gênero seria, assim, uma nomeação ao modo de Joyce, tal como indicado por Lacan<sup>9</sup> em *O sinthoma*. Este constituiria, simultaneamente, um novo sintoma - enquanto reivindicação sexual - e também uma sublimação sexual, posto que declarar um gênero não implica em colocar em jogo seu gozo sexual.

Tendo demarcado alguns eixos a partir da fala de Marie-Hélène, no que concerne ao gênero para a psicanálise, passamos à discussão de Preciado com Butler, com o intuito de indicar os limites da reflexão acerca do gênero em sua dimensão performativa.

### **Limites da dimensão performática dos gêneros: Preciado com Butler**

Judith Butler é um dos nomes mais importantes para os estudos atuais sobre o gênero. Suas reflexões possibilitaram trazer para o campo social questões que estavam arraigadas na concepção de natureza, tais como o corpo, o sexo e as posições feminina e masculina. Em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*<sup>10</sup>, Butler, seguindo o caminho trilhado por Foucault, interroga se o "sexo" seria uma estrutura dada ou se é algo que se constrói historicamente. Deste modo, ela propõe dissolver a dicotomia entre sexo e gênero, segundo a qual o gênero seria algo inscrito culturalmente em um sexo dito natural. Deste modo, ela afirma o gênero e o sexo como construções sociais, fabricações históricas e culturais não determinadas por nenhuma verdade nem natural, nem ontológica<sup>11</sup>. Para Butler, os transexuais e os travestis encarnam a subversão da ordem heteronormativa estabelecida, dado que misturam e desmontam a ilusão de que há dois sexos distintos e, entre eles, um laço natural subvertendo, deste modo, a ordem instituída. Daí advém a noção de gênero como performativo, pois este seria decorrente da "repetição de gestos, atos e signos, do âmbito cultural, que reforçariam a construção de corpos masculinos e femininos"<sup>12</sup>.

Embora reconhecendo o valor das contribuições de Butler, apontando-as como um dos esforços teóricos construtivistas mais interessantes em relação aos problemas de gênero, Preciado coloca em questão o uso de certas figuras - especialmente a da *drag queen* e dos transexuais -

como instrumentos para a análise da performatividade do gênero. Em defesa dos argumentos de Butler ela observa que, em grande parte, o sucesso da teorização de Butler sobre o tema decorre “da eficácia com que a performance da *drag queen* lhe permitiu desmascarar o caráter imitativo do gênero”<sup>13</sup>, ao enunciar os efeitos paródicos e desnaturalizadores de sua teatralidade da feminilidade. Neste sentido Preciado comenta:

[...] a performance da *drag queen* evidencia os mecanismos culturais que produzem a coerência da identidade heterossexual e que garantem a ligação entre o sexo anatômico e gênero. Desse modo, é a performance da *drag queen* que permite a Butler concluir que a heterossexualidade é uma paródia de gênero sem original na qual as posições de gênero que acreditávamos naturais (masculina e feminina) são resultado de imitações submetidas a regulações, repetições e sanções constantes<sup>14</sup>.

Preciado entende, contudo, que por esta via Butler parece haver colocado entre parênteses tanto a materialidade das práticas de imitação como os efeitos de inscrição sobre o corpo que acompanham toda performance. Deste modo, afirma que a ideia de performance de gênero desfaz-se prematuramente do corpo e da sexualidade. E indica que, por esta razão, os transgêneros e transexuais americanos criticarão “a instrumentalização da performance da *drag queen* na teoria de Butler como exemplo paradigmático da produção da identidade performativa”<sup>15</sup>. Para Preciado,

Butler, ao acentuar a possibilidade de cruzar os limites dos gêneros por meio de performance de gênero, teria ignorado tanto os processos corporais e, em especial, as transformações que acontecem nos corpos transgêneros e transexuais, quanto as técnicas de estabilização do gênero e do sexo que operam nos corpos heterossexuais<sup>16</sup>.

Deste modo, se por um lado esta linha de análise empreendida por Butler foi produtiva, sobretudo para a

criação de estratégias políticas de autodeterminação, ela se torna problemática por reduzir a identidade ao plano da teatralidade, "ignorando as formas de incorporação específicas que caracterizam distintas inscrições performativas da identidade"<sup>17</sup>.

Como observa Preciado, o que os transexuais e transgêneros colocam em evidência, não é tanto a performance teatral ou o palco dos gêneros, mas as transformações físicas, sexuais, sociais e políticas dos corpos fora da cena: corpos que mudam pela incidência das terapias hormonais, úteros desabilitados à procriação, pelos que crescem pelo corpo, vaginas construídas, etc<sup>18</sup>. A partir deste momento de suas reflexões, a autora segue apresentado novas teses que buscam embasar estratégias políticas para enfrentar os impasses que ela situa no dito construtivismo de Butler, temas sobre os quais não nos deteremos neste trabalho. Seguimos, portanto, com Preciado até este ponto. Tendo localizado este ponto elidido pelas teorizações de Butler através de Preciado, procuraremos situar como ele nos ajuda a ler o comentário de Lacan<sup>19</sup>, em *...Ou pior*, sobre os transexuais no esforço de edificar um corpo próprio.

### **A transexualidade e o "erro comum"**

Lacan, seguindo Freud, afirma reiteradamente ao longo de seu ensino que "ser homem" ou "ser mulher" não é um problema de anatomia, mas de discurso. A resposta que cada um arquiteta para o enigma que se coloca ao ser sexuado é algo que se constrói a partir dos traços recolhidos da linguagem. No que se refere à sexualidade humana, não contamos com o saber sobre o objeto e a satisfação advindos do instinto. O humano, como animal mordido pelo verbo, é deficiente de saber. Disso decorre que, no humano, não estamos no campo instintivo, mas pulsional, dado que as pulsões são ecos do dizer sobre o corpo; de onde advém a

relação intrínseca entre a sexualidade humana, o corpo e o gozo.

Daí decorre que a biologia dos corpos e suas funções se destacam e se organizam através do campo da linguagem e da fala, e é deste modo que as diferenças anatômicas engendram consequências psíquicas. Em outras palavras, as características biológicas dos corpos se destacam pelas marcas significantes e, por esta operação de linguagem, indicam e configuram algo da ordem da aparência na abordagem da diferença sexual. No que concerne ao sujeito, embora existam diferenças anatômicas, este não é o fator determinante. A sexualidade humana opera com semblantes e estes concernem à aparência em sua articulação com: o Imaginário, conferindo uma unidade ilusória ao corpo despedaçado do autoerotismo; o Simbólico, ao representar um sujeito para outro significante; e o Real, uma vez que esta imagem engendra efeitos de real, gozo.

Nota-se que, em Freud, tendo como referência a máquina edípica, a diferença entre homens e mulheres se estabelece em torno da relação com a castração - que é uma operação eminentemente simbólica - falta simbólica. A "pequena diferença" à qual se refere o psicanalista é investida de valor (de gozo), e não nos parece à toa que as lutas e reivindicações feministas incidem justamente sobre os valores. Esta diferença, como observa Lacan<sup>20</sup>, antes de ser subjetivada pela criança, já está presente nos pais e pode produzir efeitos no modo como estes tratam os "mocinhos e as mocinhas"<sup>21</sup>. Destacamos que não se trata aqui de uma determinação que possa ser apreendida de modo linear, segundo o modelo de causa e efeito, pois o importante será a resposta singular construída pelo sujeito em face ao tratamento que recebe do Outro.

O problema recortado por Lacan é que o tratamento dado a uma criança, no que tange à diferença que concerne ao sexual, se apoia em um erro: "identificá-los, sem nenhuma

dúvida, por aquilo pelo qual eles se distinguem, mas reconhecê-los somente em função de critérios formados na dependência da linguagem”<sup>22</sup>, na medida em que admitimos que, porque o ser é falante, o sujeito responde à castração. O erro, portanto, é supor que isto seja dado pela natureza, pois os caracteres sexuais que despontam e configuram o corpo são secundários, secundários à linguagem.

De acordo com Lacan, para se ter acesso ao outro sexo é preciso pagar o preço da pequena diferença, diferença que passa enganosamente para o real por intermédio do órgão. O paradoxo, precisamente, é que ao cometer o erro de colocar o órgão real no lugar da “pequena diferença”, por intermédio desta substituição e deste investimento, se revela o que vem a ser um órgão: “um órgão só é instrumento por meio disto em que todo instrumento se baseia: é que ele é um significante”<sup>23</sup>. Em outras palavras, ao substituir a “pequena diferença” pelo órgão se desvela a dimensão significante que lhe confere valor.

E seria neste mesmo ponto que incidiria o erro que Lacan atribui também ao transexual masculino, pois é como significante que ele não quer o seu pênis, e não como órgão entendido aqui no sentido comum do termo. Nota-se que este é um engano bastante comum, a confusão entre falo e pênis, confusão sobre a qual se baseiam muitas críticas que as feministas dirigem à psicanálise. Nos termos de Lacan, a paixão do transexual é: “... querer livrar-se desse erro, o erro comum que não vê que o significante é o gozo e que o falo é apenas o significado. O transexual não quer mais ser significado como falo pelo discurso sexual...”<sup>24</sup>. O erro em questão seria querer forçar, pela cirurgia, o discurso sexual. Esta estratégia, em muitos casos, parece ser a única alternativa para passar para o lado mulher: retirar o órgão que lhe significa como homem no corpo social. Este encaminhamento tem sido fortemente estimulado pelos

protocolos estabelecidos pela ciência médica no que concerne ao tratamento para a dita disforia de gênero, sem muitas vezes abrir frente para a construção de outras soluções. Através da oferta de um lugar para que a fala possa operar, a aposta da psicanálise é que se possa fazer um certo furo nas perspectivas identitárias, posto que estas não apostam na divisão subjetiva, e, deste modo, favorecer a singularidade do sujeito em seu esforço de tratar o gozo.

### **Para concluir**

Através do embate entre Preciado e Butler foi possível localizar, no plano dos estudos sobre o gênero, uma dimensão elidida: algo que se coloca para além da performance e da teatralidade no que dizer respeito à sexualidade humana. No humano, como nos adverte Lacan<sup>25</sup>, a aparência como semblante implica os três registros e sua posição sexuada concerne ao gozo. O que separa homens de mulheres não são diferenças anatômicas, mas diferentes modos de gozo. A diferença nos modos de gozo suplanta a diferença anatômica, ao ponto inclusive de se impor a ela como nos ensinam os transexuais.

Para finalizar, retomando a epígrafe escolhida para este texto, entendemos que o erro comum ao qual Lacan se reporta ao se referir ao transexual pode ser revelador de uma verdade elidida. Talvez seja isto que possamos extrair da relação do transexual no embate com um corpo que é vivido como demasiadamente impróprio: que um modo de gozo imperativo pode conduzir um sujeito a querer retificar sua anatomia. Para finalizar, com Laurent<sup>26</sup> (2015), podemos dizer que os sujeitos transexuais em sofrimento tomam a palavra na nossa civilização porque a lógica do gozo não pode mais ser ignorada.

- 
- <sup>1</sup> LACAN, J. (2012[1971-1972]). *O seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 17.
- <sup>2</sup> BROUSSE, M.-H. (2015). *Psicanálise, gênero e feminismo*. Disponível em: <<http://moviepsi.blogspot.com.br/2015/11/psicanalise-genero-e-feminismo-marie.html>>.
- <sup>3</sup> PRECIADO, B. (2014). *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 edições.
- <sup>4</sup> BUTLER, J. (2015). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- <sup>5</sup> LACAN, J. (2012[1971-1972]). *O seminário, livro 19: ...ou pior*. Op. cit.
- <sup>6</sup> MILLOT, C. (1992). *Extrasexo: ensaio sobre o transexualismo*. São Paulo: Escuta.
- <sup>7</sup> LACAN, J. (1992[1969-1970]). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- <sup>8</sup> FREUD, S. (2010[1930]). *O mal-estar na cultura*. Rio de Janeiro: L&PM.
- <sup>9</sup> LACAN, J. (2005[1975-1976]). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- <sup>10</sup> BUTLER, J. (2015). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Op. cit.
- <sup>11</sup> PRECIADO, B. (2014). *Manifesto contrassexual*. Op. cit.
- <sup>12</sup> SENKEVICS, A. (2012). *O conceito de gênero por Judith Butler: a questão performativa*. Disponível em: <<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/05/01/o-conceito-de-genero-por-judith-butler-a-questao-da-performatividade/>>.
- <sup>13</sup> PRECIADO, B. (2014). *Manifesto contrassexual*. Op. cit., p. 91.
- <sup>14</sup> IDEM. *Ibid.*, pp. 91-92.
- <sup>15</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 93.
- <sup>16</sup> IDEM. *Ibidem*.
- <sup>17</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 92.
- <sup>18</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 94.
- <sup>19</sup> LACAN, J. (2012[1971-1972]). *O seminário, livro 19: ...ou pior*. Op. cit.
- <sup>20</sup> IDEM. *Ibidem*.
- <sup>21</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 16.
- <sup>22</sup> IDEM. *Ibidem*.
- <sup>23</sup> IDEM. *Ibid.*, p. 17.
- <sup>24</sup> IDEM. *Ibidem*.
- <sup>25</sup> LACAN, J. (1992[1969-1970]). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Op. cit.
- <sup>26</sup> LAURENT, É. (2015). "Genre et jouissance". In: *Subversion lacanienne des Théories du genre*. Paris: Éditions Michèle.